

ENTREVISTA COM PLÍNIO CARNEIRO

ANA MARIA DE ALMEIDA

Coordenadora do Centro de Extensão

- **Plínio, conte para nós como a Revista Literária surgiu.**

P.C. A Revista Literária do Corpo Discente da UFMG foi fundada em 1960 por autorização do então Reitor, Professor Aluísio Pimenta. Havia em Belo Horizonte um movimento literário comandado pelo Luiz Vilela e pelo Luís Vieira; esse grupo e mais outras pessoas editavam contos e poesias em papel craft, em papel jornal e distribuía entre a comunidade jovem universitária. Luiz Vilela e Luís Vieira me procuraram um dia, querendo que a Universidade editasse as obras deles. Um deles era meu colega de faculdade, estudava Comunicação; e o outro era do Curso de Letras. Dessa conversa com eles, nasceu a idéia de fazer uma Revista Literária, que circulasse entre os alunos da UFMG, porque na universidade já havia uma revista de técnicos e pesquisadores e não havia nada dos alunos e nada de literário. A própria Faculdade de Letras, que na época chamava curso de Letras da Faculdade de Filosofia, não tinha nenhuma revista no gênero. Então nós levamos a idéia ao Aluísio Pimenta, que imediatamente a acatou, sugerindo que fizéssemos um concurso literário com a participação de todos os alunos de graduação, pós-graduação e até alunos do Colégio de Aplicação; os trabalhos premiados seriam publicados juntamente com outros trabalhos universitários. Assim, com a autorização e com o incentivo do professor Aluísio Pimenta, nasceu a Revista Literária do Corpo Discente da UFMG.

*** Qual foi a primeira comissão da Revista?**

P.C. Eu era assessor de imprensa do Professor Aluísio Pimenta, por isso ele me nomeou para a comissão e convidou também o Luiz Vilela e o Luís Vieira para formá-la. Então nós fizemos, em dois meses, o estatuto da Revista e organizamos o concurso literário do qual Henry Correa de Araújo foi o 1º vencedor. Daí por diante houve uma série de outros concursos, cujos vencedores são hoje escritores famosos.

*** A Revista continuou recebendo apoio da Reitoria?**

P.C. Podemos dizer que sim. A Revista foi continuando muito bem. Quando terminou o mandato do Professor Aluísio Pimenta, assumiu a Reitoria o professor Gerson de Melo Boson que deu todo apoio à Revista. O professor Boson foi cassado durante seu mandato de Reitor, o mesmo acontecendo com Aluísio Pimenta, que foi aposentado. Entrou na Reitoria, então, o professor Marcelo Vasconcelos Coelho, que deu continuidade a tudo que o professor Aluísio Pimenta e o professor Boson tinham feito. O professor Marcelo nos deu um apoio extraordinário. Durante o mandato do professor Eduardo Osório Cisalpino, muitos professores defenderam a Revista: por exemplo, o professor Fábio Moura, que já era secretário do Conselho Universitário; o professor Hélio Martins de Araújo Costa, da Escola de Veterinária e Diretor do Conselho de Pesquisa naquela época; o professor Haroldo Mattos, da Escola de Belas Artes. O professor Cisalpino mandou fazer uma análise das Revistas existentes na UFMG. O Conselho de Pesquisa organizou a análise, que revelou que as duas publicações mais importantes, para a comunidade universitária, eram a Revista Brasileira de Estudos Políticos, do professor Orlando de Carvalho, que obteve mais pontos — 16 dos 18 pontos distribuídos, e a Revista Literária, que obteve 15 pontos. O professor Cisalpino decidiu então que a Revista Literária não ficaria mais vinculada à Reitoria. A Revista ficava vinculada à Reitoria porque era financiada pelo MEC; esse financiamento a gente tinha conseguido. Então, a Revista Literária foi entregue

à Faculdade de Letras. Nessa época, eu me desliguei da assessoria de comunicação da Reitoria e fui para a Faculdade de Filosofia, como técnico em Comunicação Social.

*** Como foi seu trabalho com a Faculdade de Letras?**

P.C. A Diretoria da Faculdade de Letras pediu-me que continuasse à frente da Revista, o que continuei fazendo até o número 17. A partir do número 13 entraram outras pessoas que tinham amor à Revista, ou que, se não tinham, passaram a ter, como o Ronald Claver e a Ana Maria de Almeida. E na Ana Maria de Almeida, eu vi uma pessoa que não deixaria a publicação sofrer solução de continuidade, quando eu quisesse aposentar-me da Revista, o que efetivamente aconteceu após o número 17. Sabia que ela levaria a Revista até quando pudesse, porque eu também levei enquanto pude.

*** Como a Revista é financiada?**

P.C. Através da Reitoria, com verba do MEC. Mas nas épocas difíceis, eu mesmo pus muito dinheiro meu na Revista. Consegui até apoio de pessoas da Comunidade para patrocínio dos prêmios do concurso. Isso não foi muito difícil, porque muita gente gostou da Revista e gosta até hoje. Muita gente considera a Revista Literária uma promoção muito importante. É a única revista brasileira no gênero; é a única revista brasileira feita por alunos e para alunos. É claro que nela há uma seção, em que colaboram ex-alunos, mas tudo está ligado à vida universitária, à literatura brasileira.

*** Que você pensa, Plínio, da possibilidade de um grupo de alunos organizar ou continuar uma revista como esta? Você acha que os estudantes têm, atualmente, condição de fazer isso?**

P.C. Acho temerário. Não têm não. Atualmente, o aluno é um elemento «episódico», na universidade, já que ele passa por aqui uns quatro anos e vai embora. Ele não tem o mesmo compro-

misso que um professor ou um funcionário tem com a universidade. Em termos hipotéticos, o professor e o funcionário vão ficar na universidade até morrer, isto é, é aqui a vida deles. A vida do aluno não é na universidade, nesse sentido é que é episódica. Desse modo, ele pode implantar um «rodízio» na orientação da Revista; esse ano a Revista seria de um jeito; no próximo, de outro ... Além disso, o estudante não teria nenhum compromisso de fazer a Revista. O aluno pode, evidentemente, participar, mas na direção da Revista tem que haver uma comissão permanente. O aluno pode mesmo impor ou sugerir um ponto de vista, uma linha para a Revista. Eu não acho que as coisas têm de ser eternas. Assim a cada ano pode-se escolher uma linha de publicação: por exemplo, publicar só textos de linha modernista, ou romântica, ou, quem sabe, pornográficas ... Mas eu acho que tudo isso é modismo. O que fica mesmo, o que deve ficar mesmo é uma estrutura editorial. Para respeitar essa estrutura, acho que tem de ser uma pessoa que ganhe para isso. O aluno não ganha nada. Por isso acredito que a comissão tem de ser formada por professores ou funcionários que sejam nomeados para isso.

- * **Coincidentemente, essa tem sido até agora a opinião da Comissão que estuda a estrutura da Revista, na Faculdade de Letras. E nessa comissão temos representação estudantil.**

P.C. Não podia ser outra. Porque o aluno se forma e vai embora, vai cumprir sua vida profissional, vai levar sua vida social e familiar, longe da universidade. Desse modo, repito, para organizar uma revista na universidade, só um professor ou funcionário, nomeados para isso e apoiados pela unidade a que pertencem, é que conseguem fazer algo. Fazer literatura no Brasil é um exercício de abnegação, porque a gente encontra a cada passo pessoas sem a menor sensibilidade artística e cultural. Eu, por exemplo, se não tivesse consciência de meu dever, se eu não fosse um jornalista profissional, já teria desistido de lutar pela Revista, tantas foram as dificuldades que surgiram.

- * **Que você gostaria de registrar, agora que sai da Revista que fundou com tanta garra?**

P.C. Eu tenho a certeza de que ela, entregue a Ana Maria de Almeida, vai ser feita com o mesmo carinho e a mesma dedicação com que fiz. Já falaram que a Revista era minha filha, e a uma filha a gente trata sempre bem. Tenho pelas edições da Revista que eu fiz um especial carinho, carinho mesmo, ao ver aquilo que nasceu nas minhas mãos e que cresceu comigo, e que está fazendo 17 anos. Dezesete anos é uma existência. A Revista quase que atingiu a maioridade. A Revista tem muito pedaço meu lá dentro, muitas coisas minhas ... Tenho certeza de que a Ana vai sentir o mesmo com a Revista. Porque se não sentir, a Revista acaba. Porque as coisas, sem amor, sem carinho, sem dedicação, ficam insossas, sem aquele calor humano que faz as coisas todas serem importantes. A Revista Literária se não tiver esse calor humano, se for apenas mais uma tarefa para mais um professor na universidade, vai virar uma coisa sem a mínima importância, vai ficar só naquele papel impresso. A Revista Literária, para mim, pode não ser para os outros, mas, para mim, tem uma importância transcendental. Ela transcende a si própria; já é mais do que ela. Ela tem vida própria.

